



INSTITUTO DE PSICOLOGIA
Graduação Curso de Psicologia
Trabalho de Conclusão de Curso

GRADUANDO: Marcelo Ricardo de Sena Fernandes

ORIENTADOR: Edson Luiz André de Sousa

DEBATEDORA: Gislei Domingas Romanzini Lazzarotto

22 de novembro de 2011.

A reforma psiquiátrica, a partir de minha experiência no

Coletivo de Radio Potência Mental.

“Tal seria minha tarefa: responder a esta palavra que ultrapassa meu entendimento, responder sem tê-la ouvido e responder repetindo-a, fazendo-a falar.”

Maurice Blanchot

A conversa infinita – a palavra plural

RESUMO:

Uma experiência de fazer rádio que se dá no âmbito da universidade, entre “diagnosticados”¹ e não-diagnosticados, estudantes e profissionais de Psicologia e Comunicação. Usando como forma de expor a realidade desse coletivo, trechos de relatos das reuniões², programas de rádio, participação em eventos, os quais visam provocar reflexões a respeito do movimento de reforma psiquiátrica que, nesse contexto, vê-se que é muito mais do que artigos de uma lei que se escreve e que se assina.

Palavras-chave: acontecimento, virtualidade, agenciamento, “diagnosticado”, lateralidade, reforma psiquiátrica

INTRODUÇÃO:

Tomo como disparador para a reflexão sobre questões de saúde mental, minhas experiências de estagiário no Coletivo de Rádio Potência Mental, o qual é um projeto protagonizado por estudantes universitários, profissionais (saúde mental e comunicação) e usuários de diversos serviços de saúde mental que se reúnem semanalmente³ para produção de programas radiofônicos, contando com o apoio institucional da Universidade para a sua realização. Através do rádio, constrói-se, no campo da saúde mental, um projeto de comunicação com a cidade, voltado à ressignificação das concepções sobre loucura prevalentes na sociedade, desconstruindo, inclusive entre nós, estigmas e processos de exclusão.

A experiência desse coletivo, iniciada em 2006, mostra a potencialidade dessa ferramenta de comunicação – rádio – como produtora de saúde, no sentido da diversificação de possibilidades de laços sociais por parte dos usuários dos serviços de saúde mental e da ressignificação tanto do lugar desses usuários em suas famílias como das concepções de loucura ou doença mental por parte da comunidade ouvinte da rádio.

¹ como o coletivo tem chamado as pessoas com diagnóstico psiquiátrico

² a reunião semanal que acontece no bar do Instituto de Psicologia da Ufrgs; é praxe que se façam relatos dessas reuniões

³ atualmente, às terças-feiras, no bar do Instituto de Psicologia da Ufrgs

A participação de estagiários de psicologia⁴ nesse processo, acompanhando as incursões dos usuários, via radiofonia, nos espaços da cidade, oferece aos estudantes uma outra experiência de encontro com esses usuários, distinta das experiências de cuidado vividas nos serviços e especialmente voltada aos processos de inclusão e às relações com o cotidiano da vida. Considero que tais experiências são fundamentais numa formação que visa a desinstitucionalização da loucura na perspectiva da atenção psicossocial. A intersecção com o campo da comunicação, por sua vez, oferece a oportunidade de exercício de uma prática interdisciplinar.

A prática de fazer rádio, nesse coletivo, é aberta a todos (usuários de saúde mental ou não) num perfeito exercício de lateralidade⁵. Assim temos a possibilidade de experimentação de outros lugares ou funções (entrevistador, poeta, radialista, cantor... até mesmo, psicólogo, psiquiatra e louco). Tal movimento leva a um alargamento dos laços sociais que, antes, no caso de usuários de saúde mental, muitas vezes, ficava restrito à família e aos serviços de saúde. Ainda há estabelecimento de parceria entre comunicação e saúde mental em prol da desinstitucionalização da loucura e da consolidação de princípios de reforma psiquiátrica.

Esse “fazer rádio”, que provoca tais efeitos, coloca em cena para os profissionais e estudantes os seguintes conceitos:

Virtualidade: "o virtual não se opõe ao real, mas sim ao atual; contrariamente ao possível, estático e já constituído, o virtual é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a atualização." (LÉVY, 1996, pg.16).

Acontecimento: “ato, processo e resultado da atividade afirmativa do acaso; é o momento de aparição do novo absoluto, da diferença e da singularidade; esses atos, processos e resultados, conseqüências de conexões insólitas que escapam das constrictões do instituído, organizado, estabelecido, são o substrato de transformações de pequeno ou grande porte que revolucionam a História em todos os seus níveis e âmbitos; o acontecimento atualiza as virtualidades, cuja essência não coincide com as possibilidades; o virtual não existe mas faz parte da realidade” (Baremblit, 2002, p. 134).

⁴ condição que me levou ao coletivo de rádio; por dois anos eu o vi desse lugar (2009 e 2010)

⁵ numa simplificação máxima e de acordo com o que disse Eduardo Passos, no I Encontro Rede de Oficinandos “estar ao lado (nem acima e nem abaixo)

Agenciamento ou dispositivo: “uma montagem ou um artifício produtor de inovações que gera acontecimentos e devires, atualiza virtualidades e inventa o novo radical; em um dispositivo, a meta a alcançar e o processo que a gera são imanentes entre si; um dispositivo compõe-se de uma máquina semiótica e uma pragmática e se integra conectando elementos e forças (multiplicidades, singularidades, intensidades) heterogêneos que ignoram os limites formalmente constituídos das entidades molares (estratos, territórios, constituídos, etc.); os dispositivos, geradores da diferença absoluta, produzem realidades alternativas e revolucionárias que transformam o horizonte considerado do real, do possível e do impossível” (Baremblit, 2002, p. 134).

Lateralidade: numa simplificação máxima e de acordo com o que disse Eduardo Passos, no I Encontro Rede de Oficinandos “estar ao lado (nem acima e nem abaixo)”.

O local de encontro dos integrantes é o Bar do Instituto de Psicologia da Ufrgs (uma vez por semana, sempre no mesmo dia e horário). O local do programa de rádio é “Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro – 87,9” (quinzenalmente, ao vivo). A partir desses dois momentos (o bar e a rádio), estão abertas as condições para a participação do coletivo em serviços de saúde mental (para apresentar o trabalho e convidar novos participantes), em congressos, em rádio-poste, em encontros, no CRP...

Que tipo de psicólogo sou?

Que tipo de psicólogo fui, no Coletivo de Rádio Potência Mental?

De que tipo de psicólogo precisa o coletivo?

Fui/sou psicólogo, no coletivo?

Não conseguiria começar esse texto sem me posicionar (implica responder às perguntas desse subtítulo) e, “posicionar-se”, justamente, é a grande questão da Psicologia, pois, nesse “posicionar-se” residem os processos de subjetivação. Cabe aqui lembrar uma definição possível de subjetividade (Bock et al, 2004, p. 76): “A subjetividade é a síntese singular e individual que cada um de nós vai construindo conforme vamos nos desenvolvendo e vivenciando as experiências da vida social e cultural; é uma síntese que nos identifica, de um lado, por ser única, e nos iguala, de

outro lado, na medida em que os elementos que a constituem são experienciados no campo comum da objetividade social. Essa síntese – a subjetividade – é o mundo.”

Tenho “problema” com a questão dos lugares (o lugar em que me coloco, o lugar em que os outros me colocam, o lugar em que os outros se colocam, o lugar que quero me colocar, o lugar em que coloco os outros, o lugar...). Quem sabe não seja essa a grande questão da própria Psicologia! E o tal do Doutor, qual é o lugar dele? Diz Foucault!... “sim, ouço vozes! Sim, tenho alucinações! (...) efetivamente, sou aquele para quem foi constituído o hospital psiquiátrico, sou aquele para quem é necessário haver um médico; sou doente e, já que sou doente, você, que tem por função me internar, é médico”. Definitivamente, não sou esse doutor do Foucault (2006, p. 356).

O que me poderá dizer o dicionário a respeito do tal doutor... mais precisamente, o “doutor” psicólogo? Vejamos no Aurélio!... (Ferreira, 1986): “por extensão; pessoa que tem conhecimentos intuitivos ou empíricos da alma humana: Machado de Assis era um psicólogo nato”. Claro que o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa tem outras acepções... tem até uma que diz “especialista em Psicologia”. Gosto desse psicólogo tipo Machado de Assis... e parte da resposta das questões do subtítulo já está dada; porém, a respeito desse “psicólogo tipo Machado de Assis”, tenho a dizer que ele me parece alguém capaz de ouvir e falar, interpretar e ser interpretado, pensar e fazer pensar, ser personagem e não ser personagem, parecer perdido e não estar perdido, estar perdido e não parecer perdido, não parecer psicólogo e ser psicólogo (do coletivo e de si mesmo, pela lateralidade que permite que qualquer “locutor” o seja). E eles/nós são/somos... como naquele velho ditado que diz “de médico e louco, todo mundo tem um pouco”.

Acontece no Coletivo de Rádio Potência Mental.

“... Alguém nos interrompe. J. O., que nos observava, atentamente, pede para que não nos interrompam. Fim de reunião (já passa das 20h). A.V. reclama que o J. C. não pode falar aquelas coisas na frente da menina J. Eu digo: “pois é” e nem o lembro de que estava falando junto... não falamos nenhuma obscenidade... o poeta contou de uma terapeuta que disse que ele a desejava porque olhava para ela. Indignado ele se exclama: ‘(...) então eu vou falar com uma pessoa, olhando pro lado!’. Também, agora, lembro-me

de que (nessa reunião) o L. falou de uma idéia de levar gravações, pro programa, para serem usadas em momentos em que aparece o silêncio. Respondi que não gostava da idéia. Agora, está mais claro na minha cabeça: resolvemos (todo o coletivo) essa questão do silêncio, de 'loucutores' fugindo do microfone, quando instauramos um clima de desinibição, autoconfiança e escolhemos temas que nos provocam, nos mobilizam... os ouvintes, também, estão entrando nessa (estão telefonando)... e não oferecemos recompensa material pelos telefonemas (assim é muito mais psicológico)”

O texto acima é fragmento de um dos relatos de reuniões do coletivo, no bar do Instituto de Psicologia da Ufrgs e, a partir desse, pode-se ter uma noção mais clara do que de fato acontece nesse “fazer rádio”. Ora, da condição de integrantes “da rádio”⁶, em que tanto reclamamos de um espaço para dizer o que pensamos, temos nossos momentos de silêncio, em pleno ar... o que termina, completamente, com a paciência do radialista profissional, Seu Flávio, diretor da Rádio Comunitária da Lomba do Pinheiro, que nos acompanha durante esses programas. Afinal, um programa de rádio não pode ter ausência de som... voz.

Portanto, a solução desse problema é algo que toma os “loucutores”⁷ da rádio”, pois, queremos programas satisfatórios... um “satisfatório” que diz de nossa satisfação quando fazemos programas em que não aparece o tal silêncio, em que tem participação do ouvinte, em que disputamos os microfones, em que o “dono da rádio”⁸ não se estressa, em que o dono da rádio participa... por vezes, tenho a impressão de que esse “dono da rádio” cumpre a função de nos mostrar nosso índice de audiência, nesse programa de rádio que não é oficina.

Dentro desse contexto, vem-me a noção de que não há como sobreviver nesse coletivo se não se tiver, de forma minimamente clara, domínio dos conceitos de acontecimento, virtualidade, lateralidade, agenciamento. **Que espécies de agenciamento são possíveis às forças e virtualidades impessoais para que produzam acontecimento?** Essa é uma grande questão que mostra o quanto os conceitos citados são interdependentes...

⁶ a forma como chamamos o coletivo, na maioria das vezes

⁷ uma forma particular que temos de nos nomear locutores

⁸ como chamamos o Seu Flávio, diretor da rádio comunitária

Um coletivo assim.

Os relatos produzidos são postados em um grupo de e-mail do coletivo em que os integrantes têm condições de discordar, concordar ou ficar indiferente ao que for dito. Todas essas três coisas acontecem, nessa rádio que... acontece.

REUNIÃO 16-11-2010

"loucutores" presentes: A. V., Marcelo, L., R., V., A., M., J.C.
Quando cheguei (umas 16h 05min), a reunião já contava com as presenças de A. V., V. e L. e, logo em seguida, chegam JC, A. e M. (a R. aparecia, desaparecia, aparecia, desaparecia... por causa de umas missões que a C. deu pra ela - o L. foi embora bem cedo, por causa de Buenos Aires). O A. V. pergunta, pergunta... ele a toda hora fala "nós que temos problema", "eu venho aqui, consultar com os psicólogos", "o tema pro próximo programa pode ser loucura e... ou ... e loucura". Percebo um mal-estar no coletivo... que se reúne pra produzir um programa de rádio, mais o que vem junto, e que não tem a questão do diagnóstico como o mais importante e, muito menos essa separação entre psicólogos e pacientes. Chega a D. e nós a convidamos pra sentar com a gente, ela aceita, vai ao balcão e volta com uns docinhos, pra gente. Digo pra D.: "D., veja só, o Ari está a toda hora dizendo que tem problema". O A.V. diz: "Mas eu tenho problema!". Eu digo: "Mas quem não tem problema?!". A D. concorda. Então o A. V. pergunta: "D., qual o problema que tu tem?". "São muitos... por exemplo, meu estágio, que está uma droga, mais... e o Sr., qual o seu problema?". Ele responde que tem um parente que bebe e incomoda. A reunião continua, o J. C. vê o Piccinini (de longe) e me diz: "Marcelo, aquele cara lá já estudou comigo... fizemos inglês no Cultural... ele era muito legal; tinha um jeito de sentar (meio deitado e com as pernas para cima) que incomodava as professoras, às quais ele respondia com essa pergunta: essa maneira de sentar prejudica meu aprendizado?". O A. propõe que pensemos no tema para o próximo programa, até sugere o "Centro Tecnológico", próximo ao Jardim da Paz⁹. O V. vai embora cedo, pergunto por que tão cedo e ele responde que é por causa que as gurias não vieram (enquanto estive na reunião, tomou um refri - tomamos juntos - e escutou um radinho, que não o desligava dos assuntos, ao menos, não completamente). J. C., também, foi mais cedo, disse que não estava se sentindo muito bem; antes, disse que se incomodava que o Seu Flávio apresentasse quem era psicólogo ou quem era de tratamento psiquiátrico de maneira diferente. Do que respondi: "não, J. C.; nas nossas apresentações vai só nome... podes prestar a atenção, na próxima vez!". E o A. V. sempre falando: "nós que temos problema...". O A. V. me disse de um conhecido seu que estaria interessado na rádio. Eu lhe perguntei se esse conhecido gostava de rádio. Ele respondeu: "não sei, mas ele tem problema". A reunião segue, R. está de volta e, o A. V. lhe faz um poema, de improviso e

⁹ cemitério que serve de ponto de referência

em homenagem à ela (que anota) e a reunião termina.(...) É importante ressaltar que os relatos são de fundamental importância para o funcionamento do grupo (quem não está presente, fica presente, através dos relatos - o Coletivo é numeroso), que precisa ser cuidado, cultivado, saboreado... por todos.

O que sinto é que o coletivo precisa de intérprete... bons intérpretes. Esse relato apresentado, sobre a reunião de 16-11-2010 é algo que diz, inclusive, dos acontecimentos de um lugar que não se pretende terapêutico (embora seja... pra todos: “diagnosticados” e não-diagnosticados) e que não se prende ao diagnóstico.

Observe-se que o texto do relato não é meramente informativo... é uma narração, como Benjamin (1994 – pp 202 e 203) muito bem apresenta, há diferenças entre o que é narrado e o que é informado. Ainda, observe-se que esse relato traz um conteúdo que não tem valor, apenas, em uma verificação imediata (ele continua valendo, depois). Ainda, Benjamin (1994) respalda o caráter de narrativa a esse texto que não vem acompanhado de interpretações, explicações que “engessariam” a capacidade de quem o lê, entendê-lo da forma que achar melhor, ou seja, ter a liberdade de passar por uma vivência que vai lhe proporcionar uma experiência que é subjetiva, que é só dele. Afinal, “A narrativa é o lugar da imantação, que atrai a figura real para os pontos em que ela deve se colocar, respondendo ao fascínio de sua sombra” (Blanchot, 2005, 271).

E para o autor (do relato), que no referido caso sou eu mesmo, haveria um preço porque, conforme Benjamin (1994 – pp. 197 e 198), no momento em que esse diz que quando em um grupo, alguém pede que se faça a narração de algum acontecimento, o embaraço se generaliza (no Potência Mental é assim). Ocorre que, para narrar, é preciso abrir-se para a faculdade de intercambiar experiências. Deixar um lugar seguro, conhecido para se aventurar pelo “estranho”... que é familiar e, ao mesmo tempo, surpreende e produz angústia (Freud – 2007).

Volto a Benjamin (1994 – p 200) e percebo que ao narrar, apesar de não ter dado explicação, de não ter interpretado os fatos (suponho que não fiz isso)... a verdade é que dei conselhos que não sei. Tenho, ainda, a noção de que, a cada vez que se repetirem essas narrações, elas serão diferentes, pois, salvam o ouvinte da tarefa de fazer uma maçante análise psicológica formal, ela proporciona a experiência subjetiva, que é muito mais que a vivência (em termos de efeitos psicológicos). Nesse relato, seguindo o raciocínio que diz de uma condição de narrador a quem fez o relato, concomitantemente

a uma necessidade de intérprete, que suponho. O narrador teria o poder de capturar o desejo do outro... Didi-Huberman (1998) ampararia essa afirmação.

Creio que lancei mão desses autores e dessas explicações como forma de legitimar e situar o uso desses relatos... que são, talvez, o que “ Abre-se na vida de quem encontra o acaso, como que uma lacuna ‘verdadeiramente’ uma imagem, uma lacuna imperceptível que o obriga a renunciar à luz tranquila e à linguagem usual, para manter-se sob a fascinação de uma outra claridade e em relação com a dimensão de uma outra língua. Narra-se o que não se pode relatar. Narra-se o que é demasiadamente real para não arruinar as condições da realidade comedida que é a nossa.”(BLANCHOT, 2005 , 272). Que é a essência desse trabalho que se propõe a pensar minha experiência no Coletivo de Rádio Potência Mental e questões da reforma psiquiátrica, inclusive, pela via do não-dito (Barembli, 2002, p. 161), fala do não-dito.

Contudo, desse relato, em si, destacaria a importância da forma como nos apresentamos na rádio sem os títulos de universitários, psicólogos, doutores, loucos... e do quanto isso faz questão para o integrante J. C. e do quanto isso deveria ou não constar nesse trabalho (inclusive, a própria condição de J. C.: diagnosticado ou psicólogo ou universitário ou...).

Os programas de rádio.

São, esses a “razão de existir” da rádio... ao menos, é no que acreditamos (nós, integrantes da rádio) quando estamos envolvidos com o coletivo que, a todo o momento chamamos de “a rádio”.

PROGRAMA DE RÁDIO de 06-11-2009, "Eu e o Fantasma"

*Esse programa contou com a presença de muitos "loucutores", treze, para ser mais exato (dois chegaram quando o programa terminou - não lembro os nomes, eram da residência). São tantas presenças que ficaria mais fácil mencionar quem não foi, mas, foram: **Marcelo, F., Fernanda, A., V., S. (Preta Sô), a galinha Curuleca¹⁰, R., N. (nova integrante), L., J., B., dois residentes que chegaram no fim (não lembro os nomes).***

¹⁰ acompanha nosso coletivo desde um programa que fizemos, na Lomba do Pinheiro, com a rádio Nikosia, de Barcelona, nossa co-irmã que diz: “Radio Nikosia son más de 40 personas que se reúnen para

A "Preta Sô" chegou quando o programa já estava começando, aliás, tem sido uma característica dela. Seu Flávio, como sempre, recebeu-nos muito bem e, de cara, diante da presença maciça, disse que o programa seria de 45 min. (durou mais tempo).

Então, F. instala os microfones, instala o gravador, eu passo o CD com a vinheta de abertura pro Seu Flávio, o pessoal se ajeita como pode (muita gente e pouco espaço), a vinheta já está tocando e ninguém sabe quem iniciará o programa (os microfones s/ fio circulam, circulam e param na minha mão). Começo o programa dando "Bom Dia!", apresento o tema "Eu e o Fantasma" e digo que a partir desse tema é que veríamos o que surgiria nesse programa. E surgiram muitas coisas, a impressão que tenho é de que sempre quisemos falar de fantasmas e que fantasmas é muito mais que fantasmas, simplesmente. O V. explica o tema e acrescenta que o mesmo foi escolhido por votação. O A. apresenta diversos materiais de sua pesquisa, a partir do tema.

Dentre as várias abordagens sobre o tema surgiram: "o velho do saco", "o bicho papão", "que se deve ter mais medo dos vivos que dos mortos"... e o assunto fluía e o telefone tocava, e as baterias dos microfones terminavam. Sobre as baterias dos microfones, estávamos prevenidos (havia um par de baterias "novinhas"). Sobre os telefonemas, apesar de o F. ter convidado os ouvintes a participarem (de forma magistral, parecia um locutor profissional), eram da "Gauchinha Divertida" (3 dos 4 - o último era de um anunciante) e o Seu Flávio mandou que eu atendesse (após consultar o identificador de chamadas). Deisi, Deisi¹¹ ... onde você está? Lembra daquela tua preocupação com a "Gauchinha"? Pois ela só fez falar sobre o Seu Flávio (que o Seu Flávio era o grande amor da vida dela, que precisava falar com ele, que ele era um homem fascinante.. .). Seu Flávio arrasa corações! Pena (pra "Gauchinha") que ela não é correspondida.

A N. (nova integrante) participou muito do programa, a propósito, ela, a Sô e a J. se concentraram mais na questão da falta de Caps e da melhoria dos Caps (o fantasma da falta de Caps). A galinha Curuleca, também se manifestava (comandada pela Sô). Ao final do programa, que durou mais de 45 min., houve a exposição, por parte do Seu Flávio, de sua idéia de uma "Kombi" que recolhesse usuários e os levasse para o São Pedro (para participação em oficinas...) e a J. argumentou contra (no ar, em alto nível).

Após o término do programa, houveram as despedidas e eu acompanhei a despedida entre a J. e o Seu Flávio. Eles lembraram de suas várias participações em reuniões da comunidade (a Jana é da comunidade e participa dos movimentos). Então, perguntei se eles brigavam muito, nessas reuniões; ela respondeu com um olhar afetuoso (no bom sentido - depois da "Gauchinha") e disse que não brigavam, que Seu Flávio era pessoa muito boa.

darle forma a ese intento de hablar de la locura desde la voz que la sufre, para soltarse a esa posibilidad de hacer un tipo de política de subsuelo, cierta militancia desde el margen que, en definitiva, aquí se reinventa como un tipo de catarsis que abre nuevas puertas. Radio Nikosia increpa a la locura, la cuestiona, se refugia en ella, la expulsa, la redefine, la ubica en el lugar de lo normal, la abraza, convive con ella y sus vaivenes; la padece." (Rádio Nikosia, 2010) ; trazendo a coisa pro real, é uma galinha de borracha que emite sons estranhos quando é apertada.

¹¹ uma integrante do coletivo que se mudou para o NE, mas que permanece presente na lista de e-mails do coletivo

A "Preta Sô" levou o grupo pra almoçar na sua casa (alguns não puderam, eu, por exemplo). Uma parte do grupo seguiu comigo (de carona) até a esquina da casa da Sô (no meu caminho). Eram o F., o L., o R. e o V. (V. e R. ficaram pro almoço); senti falta de dar carona pra Fernanda (que foi de ônibus). Nesse trajeto (até a esq. da Sô) a reunião continuou e o R. manifestou sua indignação pelo fato de o Seu Flávio continuar tendo posições "anti-reforma", mesmo após tantos programas de rádio. Disse-lhe que a gente não podia ser religião, que cada um se expressa da maneira que quer. O L. completou: "conversar é converter... ha, ha, ha, ha" (risadas). Com todo o amor e atenção ao R., mas, eu também era contra a reforma; era, pois, já não sou mais, fui livre para decidir o meu posicionamento. .. que não é pra agradar o "tio R.", é escolha minha e o grupo (Potência Mental) foi meu auxiliar na minha escolha porque me expôs a argumentos prós e contras que me levaram a esse novo posicionamento (muito mais firme que o anterior).

"Ô" Analice¹²! Sobre o grupo ser ou não terapêutico. Cada vez aparecem mais depoimentos de pessoas do grupo, agora é a vez do Leandro, passava esquecendo os nomes de todo mundo e, depois que entrou pro grupo, consegue lembrar de todos os heterônimos do F. (ele entrou nessa) e mais o nome verdadeiro. E os outros integrantes que não comunicam resultados terapêuticos (quem sabe, até eu)... O que é um resultado terapêutico? O grupo é terapêutico?

É um coletivo que trabalha com o improvisado diante do imprevisto... e que tem nisso uma forma de favorecer o acontecimento. Observe-se que ninguém sabia o que iria ser aquele programa de rádio que foi acontecendo sob um tipo de agenciamento... que é a própria rádio.

É terapêutica sem se intitular terapêutica; trabalha a questão do diagnóstico e diz que não quer saber de diagnóstico; não converte ninguém... mas favorece uma nova maneira de pensar; não exclui ninguém por ideologia e, assim, traz pro campo do debate de idéias e só... como o Seu Flávio e a J., durante o programa e, após o programa... que não começa quando começa e não termina quando termina, apesar de começar e terminar.

Quanto aos nossos ouvintes, apesar de todo esse tempo na rádio, não consigo defini-los muito bem, e isso me diz de uma opção pela busca do ouvinte do real (Roudinesco, 1998). Porém, sinto-me a vontade pra falar do ouvinte que está conosco, em todos os programas... eles são milhões, eles percebem nossos erros, eles são exigentes, eles não nos telefonam quase sempre, eles nos acham o máximo, eles nos acham péssimos... eles são o grande Outro (Roudinesco, 1998) que nos exige um

¹² coordenadora do projeto de extensão de apoio ao Coletivo de Rádio Potência Mental

posicionamento que mexe na nossa maneira de pensar, nesse pensar livre da imposição de “tios”.

Além das reuniões e programas de rádio.

A atuação desse coletivo vai para além das reuniões do bar e dos programas de rádio. Abaixo, vão trechos do relato de uma visita que fizemos à Escola de Saúde Pública no evento: módulo III do Curso para Acompanhante Terapêutico 2010 - 5ª edição. O que o coletivo faz em um evento desses, talvez, possa-se ter uma noção a partir do relato dessa visita:

Potência Mental na Escola de Saúde Pública

(22/06/2010)

Os locutores presentes a esse evento, foram: Fernanda. A., S., Marcelo (eu), V., F., RA., M. e V. (de novo). (...).

Estamos na ESP, o RA. já ligou umas três vezes; encontramos o RA., o V. e mais 40 pessoas (ainda bem que ele estava com o V., senão, queria ver ele segurar essa). Apresentamo-nos... o M., de todos nós, é o que se apresenta melhor, com sua voz de locutor e roupa de doutor (que lhe caem muitíssimo bem): "... M. do Geração de renda e do Potência Mental...". Feitas as apresentações, passamos a combinar como se daria a oficina. Nesse momento, temos o F. muito falante, com sua voz, também de locutor (a exemplo do M.), quando acontece o grande impasse: formaremos 4 grupos de 10, 2 grupos de 20, 2 grupos de quem quiser participar... Ninguém resolve nada. Consultamos o V. e... nada de solução. Dois grupos, quatro grupos, dois grupos, quatro grupos, dois grupos, quatro grupos, dois grupos... Estaríamos até agora decidindo essa questão crucial, não fosse a intervenção da Fernanda: "Já sei! Fazemos 3 grupos.". Todo mundo concordou e começamos, finalmente (a Fernanda fez a gente perder tempo, num momento - buscar a máquina - e nos fez ganhar tempo, noutro momento).

A partir de agora, são três grupos e eu só sei maiores detalhes do meu (os outros "locutores" podem, devem, sei lá... mandar complementos para esse relato). Dividimo-nos, assim: eu e o V. (num grupo), S., A. e Fernanda (noutro grupo) e RA., F. e M. (noutro grupo). Então, eu e o V. passamos a apresentar... a proposta do grupo? Sei lá! Passamos a apresentar o nosso... "funcionamento" ... da liberdade que tínhamos de falar, no ar, o que nos fosse importante falar e da maneira que achássemos melhor e sem

qualquer tipo de censura - momento em que o V. ressaltou que palavra não podia. Era preciso escolher um tema, era um grupo grande, a Paula (da redução de danos) disse que esse poderia ser o tema (redução de danos), outros sugeriram outros temas, eu e o V. seguimos falando da... singularidade do nosso grupo e insistimos na liberdade total (inclusive de fazer um programa sem tema, ou vários temas, ou...). O clima ficou pesado, a Paula da redução de danos se esquentou e ameaçou se retirar (até se retirou, depois voltou). V., V. ... como resolvemos essa questão? V. sabe, V. resolve... está decidido o tema: "Se comunicando com a rádio Potência Mental". Todos estão satisfeitos, o V., até, sugere que façamos uns exercícios de relaxamento (uma coisa que sacudia os braços), vários de nós o acompanharam nesse... "exercício". Estamos prontos. Por que não começa logo esse programa? O F. dá a explicação: faltam dez minutos para a "hora do cafezinho", depois disso, retomamos e apresentamos os três programas (em seqüência). Tudo bem (gosto da idéia). (...)

Fim de intervalo, agora é pra valer e o grupo RA., F., M. e os demais... O V. se enfiou no meio daquele grupo!!! Como isso, se ele é do meu grupo? A gente chamava ele e ele nem dava bola pra gente! Melhor "deixar rolar". Esse grupo fala (não sei se era esse o tema) do trabalho de um profissional de saúde; o RA. passa a palavra para uma enfermeira que fala de seus incômodos com o sistema que, por exemplo, obriga-a a executar determinados procedimentos, com os quais ela não concorda (por exemplo, tirar um paciente da cama, às 5h 30min da manhã, pra dar banho porque o profissional do próximo turno quer que seja assim). Então, o V. pega o microfone e fala... fala da questão do envolvimento de um profissional de saúde com um paciente e do quanto, muitas vezes isso passa despercebido e, ainda, do quanto isso tem valor (momento de grande emoção entre todos: aplausos, lágrimas nos olhos da enfermeira). O microfone volta para o RA. que reclama: o que eu posso falar, depois disso? Olha a minha situação! Mas ele falou e o programa continuou; até a Paula (aquela, também do meu grupo, que ameaçou se retirar), cantou e encantou com um rap. Nessa apresentação, o F. ficava nos bastidores (arrumando os equipamentos) e no microfone (apresentando) ... coisas do Potência Mental e... para quem tem potência mental... nós.

O próximo grupo a se apresentar é o meu e do V. (o V. é desse grupo!!!). Começamos com a apresentação do tema, "se comunicando com a rádio Potência Mental". Anunciamos duas integrantes do nosso grupo que irão cantar uma música (que era tema de um personagem da novela da Globo, "Caminho das Índias"). A "Sô" conhece a música e se assanha pra cantar junto; estou com um dos três microfones (bah! os nossos sem fio funcionam "tri-bem", dizer que estavam "criando teia de aranha" um tempo atrás) e insisto em que ela participe (mesmo que ela seja do outro grupo - no "Potência", pode). agora, perguntamos à Paula sobre redução de danos (ela entende do tema - tem experiência nisso) e fala do respeito à escolha de quem quer se drogar. O V. a contesta: "... se ela tinha filho e se fosse um filho dela se destruindo.. .?" Ela respondeu que não tinha filhos, graças a Deus (segundo ela). O clima esquentou (de novo) e o tema passa a ser (nesse "Se comunicando com a rádio Potência Mental") as visitas dos

agentes de saúde que não são recebidos. Repetir as visitas, excluir dos atendimentos. .. o que fazer com quem não recebe os agentes? Várias opiniões e a... "moça que coordena" me avisa de que o tempo está estourando e há mais um grupo pra apresentar programa. A Paula (da redução de danos) está em um ritmo frenético transportando o microfone sem fio aos ouvintes que participam do programa. Agora é o ouvinte RA. que quer falar (esse mesmo, do Potência Mental - os papéis se invertiam a todo tempo) que é preciso que o agente volte sempre. O que exaltou mais os ânimos e eu encerro o programa por causa do tempo.

O último grupo começa sua apresentação. É o grupo da Fernanda, do A. e da S. e "demais". Esse grupo teve uma preparação toda especial (sonoplastia, quadros, vinhetas, roteiro). Isso é o Potência Mental??? Tinha uma pessoa que fez o papel de âncora do programa (ele já foi apresentador de um programa de rádio em uma rádio comunitária em Santo Ângelo). Esse grupo exibia suas vinhetas + participação dos ouvintes + ... a "Sô" se encheu e se mandou porta a fora. A Fernanda abandonou o programa pra procurar a "Sô" (ela e o RA.). O programa seguiu, o A. está com uma "touquinha" improvisada (da seleção brasileira) e fala do atestado que diz que ele é docente e que, se tirasse o "c" ficava "doente" e que ele não se considerava de forma alguma "doente" e todos riram (principalmente o A.). Todos riram e refletiram (nesse momento, esse grupo foi Potência Mental). A "Sô" volta, vai cantar uma música que ela ensaiou... ela tem todo um aparato tecnológico (câmaras, notebook, tripé...). O âncora recém havia encerrado o programa, mas, mandamos voltar tudo que a "Sô" ia cantar. O RA. põe pra tocar o CD de acompanhamento (no notebook - a parte instrumental da música) e o V. se coloca bem à frente da S. (o expectador mais concentrado) e a Fernanda ao lado da cantora e a música é linda (um momento de grande emoção - mais um momento de Potência Mental, nesse grupo).

Estouramos todos os limites de tempo e, ainda, tínhamos de nos despedir e a "platéia" (podemos chamar assim) atenta, emocionada, querendo bis...

Nessa releitura desse relato, que eu mesmo escrevi e que, a cada vez que leio, repercute, em mim, de forma diferente; aparece-me como aspecto a ser destacado esse encontro inusitado entre “pacientes” e profissionais de saúde. Inusitado porque falamos de um lugar que já não é mais nem do paciente e nem do profissional de saúde... ao mesmo tempo em que é. Parece confuso mas é a maneira mais honesta de definir que sob alguns aspectos somos e sob outros aspectos, não somos.

Estamos na Escola de Saúde Pública para ensinar/mostrar o que fazemos no coletivo e, se somos pacientes ou profissionais de saúde, “tanto faz”... “tanto faz”, com aspas, porque... não me parece que possamos deixar de ser e que isso seja bom. A

verdade é que deixamos de ser e voltamos a ser (louco e psicólogo), o tempo todo... e isso faz o inusitado e a riqueza do que se discute e do que se pensa... e se passa a pensar a partir de um encontro desses. Nas palavras do A., que ri e faz trocadilho da palavra “docente” que, sem o “c”, transforma-se em “doente”... e o fato é muito potente em virtude do lugar de onde parte e para quem se dirige. A partir desse episódio, vem-me à cabeça uma série de outros trocadilhos possíveis: “discente” (estamos em um curso), “demente” (... que seria pra dementes), “decente” (... de que forma isso seria decente?). E se Foucault e Deleuze estivessem aqui, os dois, conversando e dissessem, um deles (o Deleuze): *“(...) Talvez seja porque estejamos vivendo de maneira nova as relações teoria-prática. As vezes se concebia a prática como uma aplicação da teoria, como uma consequência; as vezes, ao contrário, como devendo inspirar a teoria, como sendo ela própria criadora com relação a uma forma futura de teoria. De qualquer modo, se concebiam suas relações como um processo de totalização, em um sentido ou em um outro. Talvez para nós a questão se coloque de outra maneira (...)”*¹³. E creio que essa questão, em nós, coloca-se de outra maneira, sim. Uma maneira que nos trás toda a questão dos lugares, que, logo no início de trabalho (p. 4), elegi como, talvez, a maior questão da Psicologia.

As Rádios Co-irmãs.

Não é de hoje que se verificam a existência dessas rádios voltadas à saúde mental... porém, também, não se trata de algo tão antigo. Cada uma tem sua história, sua origem, seus objetivos, suas razões de existirem... que é singular pra cada uma.

Um exemplo bem conhecido, no Brasil, é a Rádio Tam Tam que começou em 1989, ocasião em que foi decretada a intervenção da administração municipal de Santos sobre a Casa de Saúde Anchieta (“A Casa dos Horrores”, como ficou conhecida, “após denúncia de mortes, superlotação - aproximadamente quinhentos internos para duzentas

¹³ publicado originalmente em L'Arc, nº 49, 1972.
tradução Roberto Machado
publicado em Microfísica do Poder
(organização, introdução e revisão técnica de R. Machado)
Rio de Janeiro: Graal, 1979.

e noventa camas) e outras irregularidades” (Lancetti, 1990, p. 141). Passando-se, então, a direção para uma nova equipe com a responsabilidade de reestruturar esse hospício e, para cumprir tal missão, contratou-se o artista plástico e arte-educador Renato Di Renzo que deu início a um trabalho terapêutico de cunho artístico e cultural. Justamente, aí é que se insere essa, então, nova rádio com slogans como: “um programa do tamanho da sua loucura” e feita pelos próprios pacientes, os quais, denominavam-se “locutores” (como nós, da rádio Potência Mental) e usavam nomes artísticos (diferentemente de nós, da rádio Potência Mental) e, outra diferença é que é vinculada a hospital psiquiátrico (somos vinculados à universidade). Já não existe mais a Rádio Tam Tam, que durou sete anos; permanece o “Projeto Tam Tam”, ativo até hoje como uma ONG que promove diversas iniciativas culturais (Associação Projeto Tam Tam, 2009). Ideologicamente, na pessoa de Di Renzo, essa rádio é contrária à “inclusão da diferença” quando alocada em categorias pré-definidas como a “doença mental”, defendendo que ela é inerente ao humano. Ele explica: “o nosso trabalho passa de ‘rolo compressor’ sobre todos esses (pré) conceitos; o que queremos é o homem vivo, desejante, feliz. Cada qual a seu tempo, a seu ritmo, construindo uma sociedade com qualidade de vida relacional e pulsante”, e “se não for assim, então não acontece, se torna mentira, relação de poder, relação de dor, dó, doença, piedade e não, relação de via dupla, de cuidado” (Di Renzo, 2009). E eu nunca havia, antes, pesquisado sobre essa rádio Tam Tam, apesar de já ter ouvido falar dela e, agora, vejo tão presentes nessas falas de Di Renzo (um “cara” que não é psicólogo, psiquiatra, psicanalista...) estão, de forma implícita ou explícita, todos aqueles conceitos (acontecimento, agenciamento, lateralidade, virtualidade) que cito na pág. 03 como indispensáveis ao andamento e entendimento do Coletivo de Rádio Potência Mental. Ainda, seria esse Di Renzo, justamente, o “psicólogo tipo Machado de Assis”, de que falo na pág. 05?

Outro exemplo dessas co-irmãs é a Rádio La Colifata, em atividade até hoje (de dentro do Hospital Psiquiátrico José Tiburcio Borda, em Buenos Aires) e desde 1991 (como rádio) e desde 1986 (como iniciativa). A história conta que o grupo “la Peña Carlos Gardel”, hoje “Cooperanza” entrou no hospital com o intuito de “*desdibujar las gruesas líneas que dividían el adentro del afuera*”. Na pessoa do psicólogo Alfredo Olivera, um dos voluntários, resolveu gravar os internos e “*a partir de usar ese grabador – un Westinghouse enorme – se podía lograr que los internos del Hospital volvieran a tomar la palabra, que recuperaran la voz y que eso además quedase*

registrado", conta Laura Gobet, coordenadora do projeto juntamente com Alfredo Olivera. (Manu Chao, 2009).

Já a Rádio Nikosia, de Barcelona, Espanha, nosso último exemplo¹⁴, é a mais co-irmã de todas (se é que isso é possível) devido a algumas produções de programas em parceria, participação conjunta em eventos como o 9º Congresso da Rede Unida (realizado em Porto Alegre, entre 18 e 21 de julho de 2009) e a situação de termos dois integrantes (Károl e Márcio) pertencentes, ao mesmo tempo, às duas rádios. Emite seus programas, semanalmente, às quartas-feiras, das 16 às 18h, ao vivo, desde 2003. Veicula pela Rádio Contrabanda FM, da *Asociación Cultural Contrabanda FM*, uma emissora de comunicação livre e comunitária, sem fins comerciais, localizada em frente à Plaza Real em pleno centro de Barcelona e mantida por coletivos defensores de discursos marginais frente às grandes mídias. (Correa-Urquiza, 2009). Palombini, Cabral e Belloc (2008, p. 5) realçam a importância da localização da emissora que abriu espaço à Rádio Nikosia: "Contextualizar que se está no centro da cidade, numa rota turística, que se ocupa metade de um andar e que esse espaço de trabalho é uma rádio livre, não comercial, não é mero capricho. É apresentar de forma clara a sua proposta". E a proposta é ocupar a cidade com vozes que ela mesma tentou calar. Como bem conta Correa-Urquiza (2009) "*Había una necesidad de explicarse, de contar la propia verdad. Era como si estuviesen ávidos por decir, por hablarle a los micrófonos, ávidos por explicarle a su entorno, a la sociedad en general, que era necesario desarmar el estigma que gira alrededor de la locura.*" (p. 54).

O Coletivo de Rádio Potência Mental e a reforma psiquiátrica

Diante de tudo o que foi exposto, até o presente momento, já não sei por onde seria a forma mais verdadeira de se ver a relação desse coletivo com a reforma psiquiátrica. Ou melhor, talvez eu o saiba até demais, o que também se constitui em um

¹⁴ apesar de existirem outras, nem tantas; porém, foge ao escopo desse trabalho listá-las

problema. Prefiro começar por estabelecer uma noção do que seja “reforma psiquiátrica”.

Pode-se considerar... é considerado o marco inaugural da psiquiatria moderna o ato de Philippe Pinel que, médico-chefe do Asilo de Bicêtre, Paris, França, de 1793 a 1795, toma a medida de libertar os loucos das correntes e considerá-los doentes. Observe-se que Pinel os livra das correntes, mas não os livra do internamento. Assim, conforme Palombini (2007 – p 81), entre libertador e libertos estabelece-se uma dívida que pode ser paga de duas maneiras: o louco liberto das correntes vai pagar sua dívida pela obediência, contínua e voluntária, submetendo sua vontade à vontade do médico ou ao ser dessa forma submetido à disciplina do poder médico, a cura torna-se involuntariamente a segunda moeda com a qual o louco paga pela sua libertação. Portanto, o que antes de Pinel era uma certa relação de poder veiculada através da violência – a prisão, a cela, as correntes – é transformada numa relação de assujeitamento que é própria a uma outra forma de poder que é o poder disciplinar.

Mais adiante, num Brasil republicano, o diretor do Hospício Nacional de Alienados (Juliano Moreira), citado por Cunha (1986), em carta datada de 1905, faz um balanço da história e da situação da assistência aos alienados no Brasil. Segundo ele, o aumento de casos de loucura se deve ao aumento das cidades e o aumento das dificuldades do que denomina “luta pela vida”. Completa dizendo que, ainda, existe o agravante da migração de “degenerados” das cadeias européias para as incipientes cidades brasileiras.

Recentemente, temos a Lei Federal 10.216 (a lei da reforma psiquiátrica brasileira) que propõe a regulamentação dos direitos da pessoa com transtornos mentais e a extinção progressiva dos manicômios no país.

Muito bem, estamos falando do Coletivo de Rádio Potência Mental e estamos falando de um movimento de séculos (se considerarmos a partir de Pinel) ou milênios (se não considerarmos a partir de Pinel) para estabelecer um “tratamento adequado” para a questão da loucura. Aliás, as formas de tratamento existem e sempre existiram, a questão é se são ou não “adequadas”.

Portanto, justamente no “adequado” é que irá ser discutida essa relação desse coletivo com esse movimento de reforma psiquiátrica. Como que se faz isso? É preciso ser arbitrário? É preciso ser flexível? É preciso ser doutor (alienista)? Eureka! “O Alienista”. Justamente aquele que é o Machado de Assis, conseqüentemente, um “psicólogo tipo Machado de Assis”.

O que conta a novela “O Alienista” (Assis, 1979): um médico da Corte (formado pelas universidades de Coimbra e Pádua) que volta pra sua terra natal (Itaguaí) e se entrega de corpo e alma ao estudo da loucura, chegando ao ponto, inclusive, de fundar seu manicômio (a Casa Verde). Nesse seu movimento de tratar e entender a loucura, vai recolhendo à Casa Verde os seus “diagnosticados” e, nesse momento, vem-lhe à mente uma teoria (sua teoria), a qual alarga o conceito de loucura, derrubando por terra a teoria prevalente. A nova fazia distinção entre normalidade e alienação mental como sendo perfeitamente separáveis e tendo como critério pro diagnóstico o momento em que alguém pulasse essa cerca imaginária. Agora, vem-me à cabeça idéias que a expressão “pular a cerca” trás... na sabedoria popular: traição, ousadia, delito, irreversibilidade, loucura...

Quem é que sabe onde, exatamente, fica essa cerca? Quem sabe a norma... a norma social vigente (o doutor, o padre, o policial). O alienista sabia e o alienista confinou muitas pessoas na Casa Verde, porque era preciso tratá-las, pois, umas têm mania de oratória, outras são vaidosas, tem, também, os que são educados demais, os que emprestam dinheiro... Para que ninguém diga que o alienista não é isento, internou a própria esposa que passara a noite toda em dúvida se usava o colar de granada ou o outro, de safira.

Mas o alienista é um cientista e precisa desenvolver suas teorias... que são para o bem da ciência, da humanidade. A teoria mais avançada, a mais recente, a que está valendo, inacreditavelmente, agora, é o contrário da anterior: desde quando que normal é aquele sujeito equilibrado que nunca... “pula a cerca”. Esse sim é o alienado e precisa ser recolhido para tratamento. Um novo movimento, os que estão internos, ganham alta e os demais são internados; é preciso tratar os doentes... seria desumano deixá-los ao léu. Quem são os doentes??? Essas pessoas foram tratadas, ao longo de vários meses e, comprovando a eficácia do tratamento, passaram a apresentar desequilíbrios comportamentais e foram mandadas embora pra casa, devidamente tratadas e curadas.

O alienista nunca deixou de tratar a loucura, doesse a quem doesse... inclusive, com as teorias mais avançadas e ousadas. Então, após todas essas internações e altas, conclui que a pessoa mais equilibrada da cidade é, exatamente, ele próprio. Portanto, internou-se e manteve-se em tratamento até a morte, alguns meses depois.

Considerando-se todos esses movimentos de reforma psiquiátrica, dos quais, não se sabe, ao certo, quando começaram (dependem de critérios de classificação). É certo que não se pode dizer que a maneira como a loucura é tratada no Coletivo de Rádio Potência Mental seja algo que começou hoje porque existe uma lei de reforma psiquiátrica que favorece tal movimento. Ou será que tal movimento é que favorece a reforma psiquiátrica? Se temos alguns princípios coincidentes com a reforma psiquiátrica (não são todos). Quantas vezes tivemos de escutar o V. falando dos bons doutores que o internaram e lhe vestiram a camisa de força... que ele chama de abençoada porque lhe permitiu organizar melhor seus pensamentos e passar pra uma condição social que lhe permite viver melhor.

O que fazemos no coletivo é “esquecer” da condição de alienistas e alienados, conversar sobre as questões da vida (inclusive, loucura) e entrar em contato com essa cidade que nos diz, mas que, também, pode-nos ouvir. Temos uma rádio, temos a universidade e estamos em contato com a cidade. As relações são de lateralidade (ninguém está acima ou abaixo, ao lado, sim), esperamos o acontecimento (estamos fora da bolha, nosso mundo não é artificial, não precisamos do pré-estabelecido... que lembra pré-conceito), os agenciamentos ajudam (é preciso um “clima” pro acontecimento), as virtualidades estão em nós (é preciso atualizá-las).

É preciso respeitar autoria (cada homem é autor de sua própria vida). A questão de ser um sujeito desejante e, por isso, um sujeito... contém ou está contida na idéia de autoria, da mesma forma que o movimento dessa rádio contém e, talvez, em alguns momentos, esteja contida na reforma psiquiátrica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Muito ao contrário de oferecer conclusões, o texto, que tem a modalidade de relato de experiência, expõe uma série de situações que convidam a pensar a loucura e as formas de lidar com ela . Os relatos trazem situações vividas nesse coletivo, as quais não vêm interpretadas, apesar de virem de um intérprete. As questões da reforma psiquiátrica (enquanto movimento de buscar o tratamento adequado pra loucura) estão, a todo momento, presentes no texto. Um texto que reconhece e expõe a fragilidade de certezas e reconhece a potência do acontecimento.

Na figura de Machado de Assis, obtém-se um potente dispositivo de pensar a formação em profissional de saúde mental... ao mesmo tempo em que aproxima a arte da saúde mental e, essa aproximação, é forte característica desse coletivo.

REFERÊNCIAS:

- ASSIS, Machado de. O Alienista. In: *Obra Completa*. Vol. II, Conto e Teatro. Organizada por Afrânio Coutinho, 4ª edição, ilustrada. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, 1979
- BAREMBLIT, G. (2002). *Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática*. Belo Horizonte: Instituto Felix Guattari. 2002
- BENJAMIN, W. *Obras Escolhidas, Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1994
- BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita – a palavra plural*. São Paulo: Escuta, 2001.
- BLANCHOT, Maurice. O diário íntimo e a narrativa. **In:** *O livro por vir*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BOCK, Furtado e Teixeira, apud França (2004, p. 76) *Psicologia. Ciência e Profissão*. v. 26 n.4 Brasília dez. 2006

CORREA-URQUIZA, Martín. **Radio Nikosia: La rebelión de los saberes profanos (otras prácticas, otros territorios para la locura)**. Tese (Doutorado no Departament d'Antropologia, Filosofia i Treball Social) – Universitat Rovira i Virgili, Tarragona, 2009.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. *O espelho do mundo*. Juquery, a história de um asilo. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1988. Trabalho originalmente publicado em 1986.

DIDI-HUBERMAN, G. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Editora 34. 1998.

DI RENZO, Renato. Entrevista com Renato Di Renzo. 14 jul. 2009. **Projetos terapêuticos**. Disponível em: <<http://www.projetosterapeuticos.com.br/noticia01.php?id=138>>. Acesso em: nov. 2011.

FERREIRA, A. B. H. (1986). *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1986

FOUCAULT, Michel. *O poder psiquiátrico*, Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2006

FREUD, S. (2007). *Obras Completas (tomo III)*. Buenos Aires: Editorial El Ateneo

LANCETTI, Antonio. Loucura metódica. In: ____ (org.). **SaúdeLoucura 2**. São Paulo: Hucitec, 1990, p. 139-147.

LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* São Paulo: Ed. 34, 1996.

MANU CHAO. **La Colifata**. Disponível em: <<http://www.manuchao.net/manuchao/la-colifata/index.php>>. Acesso em: dez. 2009.

PALOMBINI, Analice de Lima. **Vertigens de uma psicanálise a céu aberto: a cidade – contribuições do acompanhamento terapêutico à clínica na reforma psiquiátrica**.

Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007b.

PALOMBINI, Analice de Lima; CABRAL, Karol Veiga; BELLOC, Márcio Mariath. Do AT à radiodifusão como estratégia de ocupação da cidade. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL, 3. CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL, 9. 2008, Niterói. **Anais**. Niterói, 2008. Disponível em: <http://www.fundamentalpsychopathology.org/8_cong_anais/MR_39c.pdf>. Acesso em: nov. 2011.

RADIO NIKOSIA. **Radio Nikosia**. Disponível em: <<http://radionikosia.org/>>. Acesso em: jan. 2010.

ROUDINESCO, E. & Plon, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.